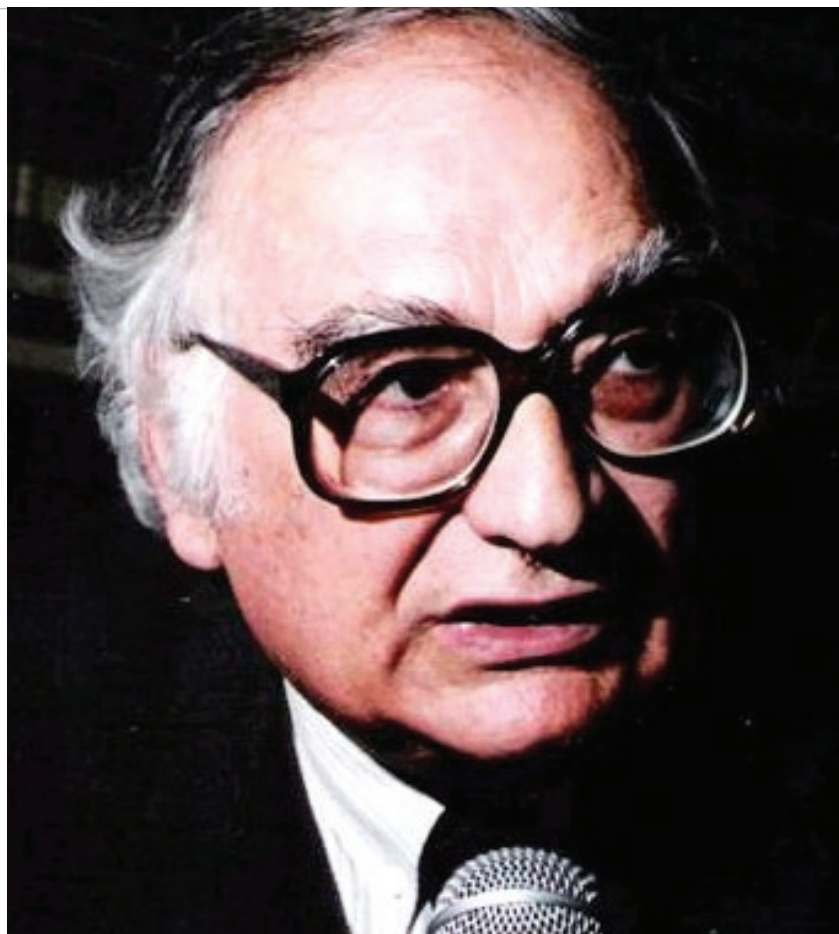


# ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA

*Na conhecida dicotomia de Péguy, que afirmou tudo começar na mística e acabar na política, António Alçada Baptista quis agir no pólo profético, mais do que no lado político. Mas, sabendo que o campo político é o que influencia o dia a dia, não se alheou dele.*

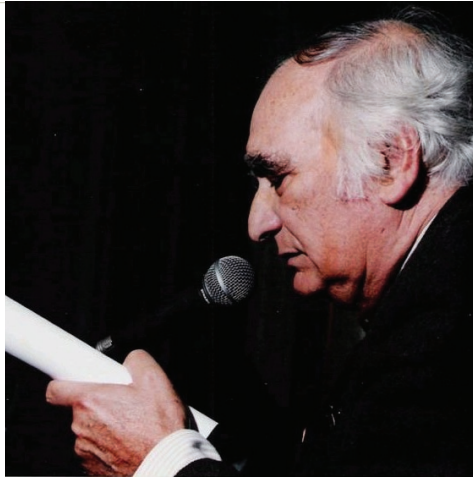
**S**e quisesse ter tido sucesso político teria tido muito boas oportunidades. E nem se fale da sua amizade com Marcelo Caetano, que nunca limitou no que quer que fosse a sua liberdade de espírito. Para quem o conheceu e ouviu da sua boca o que pensava e o que sentia, o que esteve em causa no seu trajecto liga-se a três preocupações fundamentais: a necessidade de contribuir para uma abertura necessária na sociedade portuguesa, para pô-la a viver ao ritmo da Europa e do mundo civilizado; a consciência de que para um católico isso teria de começar pela intervenção dos crentes, num momento em que os “sinais dos tempos” apontavam para o que viria a ser o “aggiornamento” (que o Concílio viria a concretizar); e colocando os temas da liberdade pessoal, da dignidade humana e do amor cristão na ordem do dia como essenciais na sociedade moderna. Daí as suas preocupações e prioridades: “Se me perguntarem o que hoje me preocupa tenho que dizer que, para lá do lisboeta e do provinciano, surgiu um novo português que não sei como lhe chamar. Ele tem a idade dos frigoríficos, dos sistemas de crédito, do automóvel para cada um, da segurança social, da reivindicação de melhores salários. É gente que se está nas tintas para a história de Portugal e há certas palavras que estão fora do seu vocabulário como ‘deveres’, ‘valores’, ‘aspirações éticas’, ‘destino’, e certas coisas que eram acarinhadas e que até se podiam chamar lendas ou mitos, mas que davam um certo estofa à maneira como as pessoas se comportavam, tudo isso saiu de circulação”.



Entre o ressentimento dos oprimidos e o sentimento de culpa dos privilegiados, António Alçada Baptista propõe, em nome de uma “aristocracia do comportamento” (\*), que o poder e o dinheiro deixem de ser os bezerros de ouro do tempo presente. E, com uma actualidade extraordinária, cita o seu amigo Millôr Fernandes: “A economia compreende toda a actividade do mundo. Nenhuma actividade do mundo compreende a economia”. E nota: “A economia (...) deixou de ter qualquer relação com a realidade para se passar por dentro da cabeça dos economistas que resolvem as grandes crises financeiras à mesa dos seus gabinetes”. E o escritor acusa o domínio da ilusão e do virtual, com as consequências que sentimos actualmente (bem evidentes na “célebre história da não-criação de porcos”).

## AMOR COMO COISA CONCRETA

“O amor é uma coisa concreta” (afirma AAB). “Ao contrário, uma ideia de Deus não se traduz num comportamento e, por isso, não pode ser uma religião. Alguns julgam que a verdadeira relação com Deus — como Deus é um ser superior, e os que se dedicam a isso, seres superiores —, voltam-se para as ideias, os silogismos, as lógicas, as abstrações. Ora, uma teologia abstracta é uma idolatria”. Ao lermos a obra do escritor, percebemos que Amor e Transcendência se ligam directamente. Afinal, o “escritor dos afectos” foi muito mais do que isso — foi o cristão no tempo, pondo as palavras ao serviço do amor das bem-aventuranças e de um sentido profético da vida. E se hoje lemos a encíclica de Bento XVI, onde fala da tripla dimensão do amor, agapé, filia e eros, facilmente percebemos que a “teologia narrativa” de António Alçada há muito que insiste nessa tripla dimensão, desde um tempo em que



como tanto gostava. Mas António era enganador. Como gostava de dizer, gracejando, mesmo praticando as virtudes do ócio e as bem-aventuranças do lazer fartava-se de trabalhar. De facto, sempre o conheci a dar no duro, multiplicando-se em actos generosos e gratuitos no sentido mais nobre da palavra. E fazia-o serena e modestamente, sem se levar muito a sério, como Alexandre O'Neill.

Foi um grande escritor, o melhor dos memorialistas do fim do século XX. Releiam-se os seus textos e veja-se como liga, com raríssima mestria, à realidade quotidiana o episódio aparentemente anódino, ao qual sabia sempre dar um significado em que a ética e a ironia se juntavam, naturalmente. Olhe-se o exemplo de “Peregrinação Interior”. Ao ler-se os dois volumes, fácil é de perceber que o escritor partilha connosco o seu caminho e a sua coragem. E se teve de romper, como cristão (na “Aventura da Moraes” e nas revistas “O Tempo e o Modo” e “Concilium”), abrindo caminhos para os tempos de liberdade que inexoravelmente viriam, a verdade é que, no prazo largo tal permitiu criar novas pistas de acção e de compromisso (que alargaram a oposição tradicional ao velho regime, à “desordem estabelecida”, como dizia, citando Mounier). O que pareceu ser, à partida, uma ruptura dilacerante (lembrava José Tolentino de Mendonça, depois de ter falado, contra medos e culpas, na Graça original, que tanto entusiasmava AAB) tornou-se com o tempo um gesto necessário que é o único modo de favorecer novos compromissos. Temos muito a agradecer à lucidez e ao sentido profético de António Alçada Baptista.

### O MUITO QUE LHE DEVEMOS

A cultura portuguesa da democracia deve-lhe muito, desde a política do livro e da leitura ao apoio aos jovens escritores e criadores. E nada ficou como dantes a seguir a 1958 (com a candidatura de Delgado, o impulso da Moraes, a carta do Bispo do Porto a Salazar, a chegada do novo Papa). A editora e “O Tempo e o Modo” tornaram-se pontos fulcrais (com João Bénard da Costa, Pedro Tamen, Alberto Vaz da Silva, Nuno de Bragança) na renovação de ideias. Mário Soares, Salgado Zenha e Jorge Sampaio entraram no projecto da revista que abriu novas pistas que favoreceram a criação de uma democracia. Aplica-se-lhe afinal o que disse do Padre António Magalhães: “Naquele tempo morno, de ordem nas ruas e sobretudo nos espíritos, a sua presença fazia parte do imenso mistério da irresponsabilidade, do inconformismo e da loucura que marca, afinal, os homens de Deus”... ●

(\*) AS CITAÇÕES SÃO DE “A COR DOS DIAS – MEMÓRIAS E PEREGRINAÇÕES” DE ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA (PRESENÇA, 2003).

a alusão ao corpo era objecto de severa desconfiança. Apesar de incompreendido, o escritor soube ser inconformista no momento próprio, rompendo, mas preparando o terreno para antecipar a evolução e para dar um sinal de fidelidade essencial aos seus contemporâneos. O seu papel foi por isso muito mais importante do que possa parecer à primeira vista. Esteve à frente, sujeitando-se a todos os julgamentos sumários e injustos, à direita e à esquerda. E até foi alvo de simplificações acomodáticas na leitura do seu pensamento, à luz do “espírito do tempo”. O que fica, porém, é a valorização ética da dignidade da pessoa humana...

### O CULTO DA MEMÓRIA

A memória prodigiosa de António Alçada enchia um serão ou tornava qualquer encontro um momento inesquecível. Felizmente que as foi escrevendo, pelo que uma parte das suas histórias não se perdeu. Mas ouvi-las naquela cadência que só ele sabia dar, e sentir a alegria do seu sorriso nunca poderá ser esquecido pelos seus amigos. O Raul Solnado dizia-me nas Mercês, quando fomos dizer-lhe um até à vista, que se tinha divertido muito com o António e que a recordação que fica é de contentamento. Todos sentimos isso mesmo. Ele era assim, mesmo com as suas depressões cíclicas. Nada do que António dizia e contava era fútil ou superficial. Como o atestam muitos dos diálogos dos seus romances (a começar em “Os Nós e os Laços”) o que estava em causa era o seu combate, como o de Jacob com o Anjo, pela liberdade e pela recusa de medos e sentimentos de culpa, que, para ele, eram inimigos da dignidade e da responsabilidade. E a memória da sua voz e o calor da sua amizade estão bem presentes, como se ele estivesse para vir de novo ter connosco para conversar interminavelmente,

*Foi um grande escritor, o melhor dos memorialistas do fim do século XX. Releiam-se os seus textos e veja-se como liga, com raríssima mestria, à realidade quotidiana o episódio aparentemente anódino, ao qual sabia sempre dar um significado em que a ética e a ironia se juntavam, naturalmente.*

# Recordando Joaquim Paço d' Arcos

*A obra de um escritor pode também lançar alguma luz sobre a sociedade do seu tempo e os dramas e os conflitos que afectaram tantos destinos individuais. Não é só o historiador ou o analista político que recupera e classifica essa memória, por vezes sob ópticas condicionadas pela sua própria visão dos factos. Também o escritor, o próprio político e tantos outros actores do palco no mundo nos deixam, noutras linguagens, o retrato do seu tempo.*

48

Que este tema tenha sido escolhido para referência e comentário perante auditório porventura mais habituado a questões do foro da ciência política e da análise social, deve ser entendido como exemplo de que a obra de um escritor pode também lançar alguma luz sobre a sociedade do seu tempo e os dramas e os conflitos que afectaram tantos destinos individuais. Não é só o historiador ou o analista político que recupera e classifica essa memória, por vezes sob ópticas condicionadas pela sua própria visão dos factos. Também o escritor, o próprio político e tantos outros actores do palco no mundo nos deixam, noutras linguagens, o retrato do seu tempo.

Descontado que o filho do escritor lhe venha fazer a hagiografia, que mérito pode ter o meu breve depoimento, senão o de apontar algumas pistas para melhor introduzir, ou reavivar em alguns casos, o perfil da obra e do seu autor.

A primeira, e negativa constatação a partilhar convosco é que se trata de acto quase isolado. Não suscitou a passagem dos cem anos do nascimento de meu Pai, qualquer curiosidade ou emoção nos meios académicos ou nos órgãos que têm por vocação debruçar-se sobre a cultura nacional e assegurar a sua preservação. (Abro aqui, para além deste acto de iniciativa da Universidade Católica, outra excepção para referir o acordo entre os herdeiros e a Universidade Lusíada que se traduziu pela doação do seu espólio literário, nomeadamente os manuscritos das suas obras, e parcela da sua biblioteca, ficando a cargo daquela instituição a sua catalogação, análise e disponibilização aos estudiosos, tudo arquivado e exposto em espaço próprio).

A recente publicação do volume “Correspondência e Textos dispersos 1942 – 1979”, corajosamente promovida pela editora D. Quixote, com base em aturado esforço de selecção a cargo de meu irmão João Filipe (e com umas tesouradas da minha responsabilidade), originou breves comentários em algumas páginas literárias, mas terá quase passado despercebida às multidões que, e bem, invadem as nossas livrarias, estonteadas pela variedade da oferta de ficção contemporânea que lhes é vendida pelas técnicas de marketing mais sofisticadas.

Estamos nós assim, aqui e hoje, a fazer mera arqueologia

cultural ou terá a obra em causa, decorridos cinquenta ou sessenta anos sobre a sua elaboração, relevância artística ou social que justifique a teimosia de alguns em a trazer para a ribalta?

Não me cabe a mim dar resposta a esta questão. Teve a obra romanesca de meu Pai sucesso junto de largos estratos do público e da crítica da época, anos trinta a sessenta, e expressiva difusão internacional. O acelerar da história e da paralela produção cultural nas décadas intervenientes remete para um passado distante a sua memória, soterrada, com a de tantos dos seus contemporâneos, pela avalanche da criação literária mais recente. Sem ter alcançado o estatuto de um “clássico” (quantos em duzentos anos da moderna literatura portuguesa o atingiram?) jaz assim no limbo dos autores quase esquecidos, em excelente mas melancólica companhia.

## MAS FALEMOS ENTÃO DO ESCRITOR

Nasceu e cresceu nosso Pai no seio do que designaria por uma burguesia de valores, voltada para o serviço público, por contraste com as paralelas burguesias de vocação académica e intelectual ou a mais visível burguesia de base económica e empresarial. Foram seus Avô paterno e seu Pai distintos oficiais de marinha, à época sinónimo de prolongado serviço no Ultramar, governadores de Macau, do Estado da Índia, em Angola e em Moçambique; e que nessas missões distantes e complexas não acumulavam qualquer património e de que regressavam directamente para a modéstia do seu soldo na Metrópole.

Foi meu bisavô dedicado servidor da monarquia e por ela nobilitado (como aliás centenas de outros seus contemporâneos no reinado de El Rei D. Luís); já meu avô, desde muito cedo aderiu aos ideais republicanos a que se manteve sempre fiel. Mas de igual forma cultivaram elevados valores cívicos e morais, alheios à prática política das suas épocas, de que eram actores secundários.

Foi esse o horizonte da infância e da adolescência de meu Pai; Angola aos quatro anos; Macau aos onze anos; dois meses de viagem de ida e, três anos decorridos, dois meses de viagem de regresso, completada como recordava, a volta ao Mundo antes de ter efectuado a travessia de Belém à Trafaria. Seguir-se ia, aos dezassete anos a estadia em Moçambique, ao lado de seu Pai, Governador dos territórios da, à data majestá-





tica, Companhia de Moçambique. E, quase de seguida a partida para o Brasil e o fracasso da sua experiência de antiquário, aos vinte anos, em S. Paulo. Era outro o ritmo de vida nesse tempo, permitindo absorver impressões, cenários e experiências que hoje atropelamos à quase velocidade do som.

Foi com o pano de fundo de esta itinerância que cedo despertou em nosso Pai a vocação de escritor, processo que nos deixou bem documentado, com os seus avanços e recuos, nos três volumes das suas Memórias e de que são testemunhos os primeiros romances e contos: Herói Derradeiro, Amores e Viagens de Pedro Manuel, Diário de um Emigrante.

Ao longo dos anos trinta e quarenta, já fixado em Lisboa foi meu Pai desenvolvendo a sua obra e definindo-se a si próprio como romancista, em época em que a crítica anunciava ser o romance “coisa que não existia em Portugal”; Em conferencia datada de 1943, e intitulada “ O Romance e o Romancista”, publicados apenas os dois primeiros volumes dos seis que viriam a constituir a “Crónica da Vida Lisboaeta”, analisava de forma que creio extremamente lúcida e actual as perspectivas do romance português, fora dos estreitos limites do regionalismo, de imposições doutrinárias ou das grilhetas do estilo.

Situava-se meu Pai, enquanto escritor, na tradição de Stendhal que, interrogado por um desconhecido sobre qual a sua ocupação, respondera: “Je suis un observateur du coeur humain”. Creio que teria sido como observador das paixões da alma e do coração que também ele gostaria de ser recordado. Os tipos humanos, sobretudo os femininos, que povoam a sua obra e cujos dramas e sentimentos registou ao longo de tantas páginas, seriam certamente para ele o seu mais valioso legado.

Mas esses enredos desenvolviam-se no cenário das grandes convulsões mundiais da primeira metade do século e os escritores eram chamados a tomar partido por um ou outro campo. Em Portugal, a tomada do poder por um regime de direita alinhou naturalmente o grosso da “intelligentsia” nacional com as ideologias de esquerda, em tantos casos nas suas variedades de inspiração marxista. Por contraste com outras reputações, o ocaso da obra de nosso Pai resulta, em não pequena medida, do facto de ele nunca ter sido detido para interrogatório pela PIDE ou não ter participado nas manifestações da oposição. Era, com efeito, outro o seu campo de acção como escritor, inspirado por uma visão realista da sociedade, que o imunizava contra as correntes mais extremistas que à esquerda e à direita disputavam o apoio das consciências. E, para trazer aqui um depoimento insuspeito de quem, expulso da Universidade como tantos intelectuais da esquerda moderada, se vira forçado a sobreviver por longos anos no exílio, recordo as palavras de António José Saraiva na inesquecível correspondência que então mantinha com Óscar Lopes, outro lúcido analista, e mais à esquerda, da obra de nosso Pai. Escrevia ele em 1970:

“Paço d’ Arcos não é um grande escritor, longe disso, mas dá a realidade da nossa média e alta burguesia, com uma frieza implacável, como nenhum dos nossos neo-realistas. Porquê? Por-

que conhece aqueles meios como os seus dedos? Talvez, mas sem dúvida por outra razão ainda: porque o não teoriza, não o mete num esquema preconcebido. Os nossos neo-realistas teorizam, ideologizam o povo e a burguesia. Alguns mesmo conhecem mal um e outra. Daí que façam da burguesia uma caricatura pouco convincente (o retrato de Paço d’ Arcos é infinitamente mais cruel); e que cantem um povo idealmente histórico, em termos de que o Camilo certamente se riria. Para resumir, para conhecimento do nosso povo rural os neo-realistas nada acrescentaram ao Camilo e ao Aquilino; para o conhecimento da nossa burguesia cidadina, nada acrescentaram ao Eça e ao Teixeira de Queiroz, e ficam muito abaixo do Paço d’ Arcos.”

E termino esta excursão literária apenas com uma pergunta: será que esse estrato da sociedade, se Paço D’ Arcos escrevesse hoje, seria por ele retratado em termos muito diferentes dos de há 60 anos?

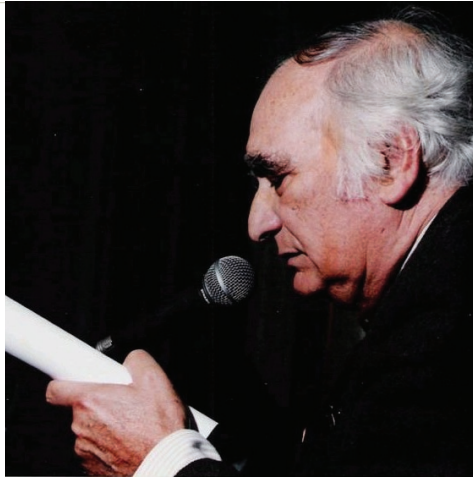
Para fechar o círculo destas, pela sua extensão, já quase impertinentes considerações, atrevo-me a regressar ao domínio da nossa história moderna e dirigir a Vossa residual atenção para as passagens dos três volumes das suas memórias que dão vivo testemunho da nossa atribulada vida colectiva nas segunda, terceira e quarta décadas do século passado. Algumas páginas com o relato das convulsões da Primeira República e da transição para o Estado Novo, parecem-me constituir valioso contributo para a verdadeira história desses anos, despidas de qualquer cor ideológica. E não resisto assim, à guisa da conclusão, a ler-vos uma breve referência no Volume III daquelas memórias, às circunstâncias em que o Dr. Oliveira Salazar ascendeu em 1932 à Presidência do Conselho, sucedendo ao General Domingos de Oliveira, com quem servira como Ministro das Finanças, durante mais de dois anos:

“A 5 de Julho, Salazar devia tomar posse da Presidência do Conselho. Devia e tomou...

Juntaram-se, numa oposição de última hora, oficiais monárquicos, que a morte súbita do rei exilado ainda não surpreendera, civis e militares do movimento nacional-sindicalista, que Rolão Preto estava em vias de organizar e granjeava adesões nas gerações novas, e simples tenentes e capitães, daqueles que, desde o 28 de Maio, julgavam desempenhar papel político para o qual não tinham preparação nem sequer cultura...Senhores de forças militares consideráveis, Caçadores 5, as unidades da zona de Campolide, os oficiais jovens e os civis politizados tentaram ainda à última hora dar o golpe que poria fim a toda a construção pacientemente alicerçada nos últimos dez dias.

... Salazar, plenamente informado da ameaça iminente, nem por um instante se deixou atemorizar. Enviou um emissário seu consultar o general Farinha Beirão, comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, sobre se lhe garantia as condições para a tomada de posse. A Guarda Republicana era ao tempo uma força poderosa em efectivos e material. Farinha Beirão enviou a mensagem: “Diga ao fradinho que pode ir tomar posse descansado.” Era assim que ele se referia sempre a Salazar, com paternal afeição. Mas naquele instante a frase benevolente traçou, por meio século, os destinos de Portugal.” ●





como tanto gostava. Mas António era enganador. Como gostava de dizer, gracejando, mesmo praticando as virtudes do ócio e as bem-aventuranças do lazer fartava-se de trabalhar. De facto, sempre o conheci a dar no duro, multiplicando-se em actos generosos e gratuitos no sentido mais nobre da palavra. E fazia-o serena e modestamente, sem se levar muito a sério, como Alexandre O'Neill.

Foi um grande escritor, o melhor dos memorialistas do fim do século XX. Releiam-se os seus textos e veja-se como liga, com raríssima mestria, à realidade quotidiana o episódio aparentemente anódino, ao qual sabia sempre dar um significado em que a ética e a ironia se juntavam, naturalmente. Olhe-se o exemplo de “Peregrinação Interior”. Ao ler-se os dois volumes, fácil é de perceber que o escritor partilha connosco o seu caminho e a sua coragem. E se teve de romper, como cristão (na “Aventura da Moraes” e nas revistas “O Tempo e o Modo” e “Concilium”), abrindo caminhos para os tempos de liberdade que inexoravelmente viriam, a verdade é que, no prazo largo tal permitiu criar novas pistas de acção e de compromisso (que alargaram a oposição tradicional ao velho regime, à “desordem estabelecida”, como dizia, citando Mounier). O que pareceu ser, à partida, uma ruptura dilacerante (lembrava José Tolentino de Mendonça, depois de ter falado, contra medos e culpas, na Graça original, que tanto entusiasmava AAB) tornou-se com o tempo um gesto necessário que é o único modo de favorecer novos compromissos. Temos muito a agradecer à lucidez e ao sentido profético de António Alçada Baptista.

### O MUITO QUE LHE DEVEMOS

A cultura portuguesa da democracia deve-lhe muito, desde a política do livro e da leitura ao apoio aos jovens escritores e criadores. E nada ficou como dantes a seguir a 1958 (com a candidatura de Delgado, o impulso da Moraes, a carta do Bispo do Porto a Salazar, a chegada do novo Papa). A editora e “O Tempo e o Modo” tornaram-se pontos fulcrais (com João Bénard da Costa, Pedro Tamen, Alberto Vaz da Silva, Nuno de Bragança) na renovação de ideias. Mário Soares, Salgado Zenha e Jorge Sampaio entraram no projecto da revista que abriu novas pistas que favoreceram a criação de uma democracia. Aplica-se-lhe afinal o que disse do Padre António Magalhães: “Naquele tempo morno, de ordem nas ruas e sobretudo nos espíritos, a sua presença fazia parte do imenso mistério da irresponsabilidade, do inconformismo e da loucura que marca, afinal, os homens de Deus”... ●

(\*) AS CITAÇÕES SÃO DE “A COR DOS DIAS – MEMÓRIAS E PEREGRINAÇÕES” DE ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA (PRESENÇA, 2003).

a alusão ao corpo era objecto de severa desconfiança. Apesar de incompreendido, o escritor soube ser inconformista no momento próprio, rompendo, mas preparando o terreno para antecipar a evolução e para dar um sinal de fidelidade essencial aos seus contemporâneos. O seu papel foi por isso muito mais importante do que possa parecer à primeira vista. Esteve à frente, sujeitando-se a todos os julgamentos sumários e injustos, à direita e à esquerda. E até foi alvo de simplificações acomodáticas na leitura do seu pensamento, à luz do “espírito do tempo”. O que fica, porém, é a valorização ética da dignidade da pessoa humana...

### O CULTO DA MEMÓRIA

A memória prodigiosa de António Alçada enchia um serão ou tornava qualquer encontro um momento inesquecível. Felizmente que as foi escrevendo, pelo que uma parte das suas histórias não se perdeu. Mas ouvi-las naquela cadência que só ele sabia dar, e sentir a alegria do seu sorriso nunca poderá ser esquecido pelos seus amigos. O Raul Solnado dizia-me nas Mercês, quando fomos dizer-lhe um até à vista, que se tinha divertido muito com o António e que a recordação que fica é de contentamento. Todos sentimos isso mesmo. Ele era assim, mesmo com as suas depressões cíclicas. Nada do que António dizia e contava era fútil ou superficial. Como o atestam muitos dos diálogos dos seus romances (a começar em “Os Nós e os Laços”) o que estava em causa era o seu combate, como o de Jacob com o Anjo, pela liberdade e pela recusa de medos e sentimentos de culpa, que, para ele, eram inimigos da dignidade e da responsabilidade. E a memória da sua voz e o calor da sua amizade estão bem presentes, como se ele estivesse para vir de novo ter connosco para conversar interminavelmente,

*Foi um grande escritor, o melhor dos memorialistas do fim do século XX. Releiam-se os seus textos e veja-se como liga, com raríssima mestria, à realidade quotidiana o episódio aparentemente anódino, ao qual sabia sempre dar um significado em que a ética e a ironia se juntavam, naturalmente.*